

ESQUECER PARA LEMBRAR: MEMÓRIA E COMPREENSÃO EM *INFÂNCIA*, DE GRACILIANO RAMOS

Gustavo Silveira Ribeiro¹

RESUMO: Este trabalho apresenta uma interpretação de *Infância*, de Graciliano Ramos, tendo como centro o debate ético que atravessa a obra. Considerado pessimista pela crítica, o texto foi lido quase sempre a partir das mesmas questões: violência, medo, ressentimento. Realizando movimento contrário, procurei expor a tese de que predomina no livro uma visão menos negativa do homem e do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Violência. Ressentimento. Ética. Compreensão.

ABSTRACT: This work presents an interpretation of Graciliano Ramos's book of childhood memoirs: *Infância*. It has as its major theme the ethical debate, which is recurrent throughout the whole book. Considered as having a pessimistic and disillusioned outlook by the critics, *Infância* was read almost exclusively with a focus on the same issues throughout time: fear, violence, resentment. Taking a contrary stance, I tried to show in this paper that a less negative view of men and of the world prevails in this book.

KEY-WORDS: Memory. Violence. Resentment. Ethic. Comprehension.

Creio que foi o pensador alemão Friedrich Nietzsche quem disse, em algum lugar de sua extensa obra, que sem o esquecimento não podemos nos tornar humanos. Para o filósofo, e também para Freud, a memória é uma espécie de doença, pois que paralisa o indivíduo no passado e o impede de entregar-se ao fluxo da vida presente, a única possível de ser vivida. A repetição infinita da mesma experiência, especialmente quando se trata de algo traumático, aprisiona e faz sofrer de novo, reproduzindo a dor de forma ampliada, transformando-a em mágoa e em afetos negativos como o ódio e o ressentimento. Ainda segundo o autor de *Genealogia da Moral*, somente a capacidade de esquecer ou, se se quiser, de “digerir” um determinado agravo sofrido, pode trazer-nos de volta à humanidade, à vida dos “homens ativos.” (NIETZSCHE, 1983, p. 309)

Resgato aqui a oposição nietzschiana entre memória e esquecimento porque, na leitura que este artigo propõe de *Infância* (1945), narrativa autobiográfica de Graciliano Ramos, também está em jogo essa mesma dualidade, ligeiramente alterada por alguns deslocamentos conceituais. Trata-

¹ Doutorando em Estudos Literários na UFMG. Bolsista do CNPq.
E-mail: gutosr1@yahoo.com.br

se aqui de, a partir do texto graciliânico, ampliar um pouco o sentido da proposição do filósofo da Basileia; se ele afirma que sem esquecer não é possível tornar-se humano (no plano individual), poder-se-ia estender sua reflexão e concluir que, sem o esquecimento, também não é possível humanizar o Outro – difícil tarefa a que se impõe o escritor alagoano no já citado relato.

Esse “esquecimento” que tem lugar no texto de Graciliano – questão central para a interpretação que dele proponho – tem a ver com a necessidade de compreensão e entendimento manifesta em *Infância*. De fato, será na busca que o escritor empreende por entender o Outro, procurando compreender as circunstâncias psicológicas e sociais, históricas e culturais que contribuíram para determinar as suas atitudes, escolhas e sentimentos é que vai se fazer notar a disposição que ele apresenta a *esquecer o passado*, o que vai se realizar, paradoxalmente, no momento mesmo em que este é resgatado pelo trabalho de reelaboração escrita da memória.

Para entender essa aparente contradição, é preciso atentar para algumas particularidades do texto de Graciliano Ramos aqui abordado e para umas poucas noções teóricas básicas relativas ao tema. Em *Infância*, o conteúdo que emerge da atividade mnemônica é formado, em grande parte, por recordações de eventos dolorosos e de indivíduos cuja lembrança traz à tona mágoas, traumas e ressentimentos bastante arraigados. Como se sabe, vivências traumáticas tendem a ser repetidas, e até hiperbolizadas pela memória, uma vez que podem retornar indefinida e monstruosamente à consciência por meio de obsessões, fantasmagorias e queixas incessantes. No caso da escrita literária de memórias, essa insistência da dor em se fazer presente pode ser notada, entre outras coisas, por certa inclinação do “eu-narrador” a um discurso acusatório contra aqueles que o feriram e à utilização de estratégias retóricas que visam tanto despertar a piedade do leitor quanto proporcionar a sensação de autocomplacência com que essa instância textual tende a se satisfazer.

Seguindo em direção contrária, a autobiografia de Graciliano procura, como já dito, re-trabalhar suas experiências passadas, especialmente aquelas que carregam maior carga de sofrimento, disposta que está a não se prender

aos afetos reativos que o lembrar deflagra. Posto isso, desfaz-se a contradição e se explica de que modo o autor procura esquecer o passado ao mesmo tempo em que se lembra dele: ao não só repetir as sensações experimentadas anteriormente, mas ao oferecer delas uma *outra* imagem, construída por meio da reflexão e da busca por entendimento, Graciliano aciona a memória como “operação diferenciadora” (DELEUZE, 1988, p. 105) fazendo com que o passado possa ser esquecido, despido de sua carga de trauma e ressentimento, no momento mesmo em que é tornado presente no texto.

Os termos da equação relacionada a esse processo também se ampliam, alargando seu horizonte de significação. Lembrança e esquecimento passam a equivaler, segundo propõe este trabalho, ao binômio ressentimento e compreensão: nos trechos de *Infância* em que prevalece o primeiro desses termos (a lembrança), o texto tingem-se com as cores do ressentimento, e apresenta de modo excessivamente negativo e carregado os personagens e as situações em foco; majoritariamente, esses trechos são narrados a partir do ponto de vista da criança, protagonista das ações que transcorrem no tempo do enunciado.

Agora, nos trechos em que prevalece o esquecimento – os momentos decisivos do livro – a compreensão do Outro se afirma como postura ética e estratégia narrativa principal, o que faz com que a atitude do memorialista passe a ser a de humanizar os personagens retratados em vez de apenas condená-los, e isso sem que o autor abra mão do olhar crítico que caracteriza sua visão de mundo, dado que a prática do esquecimento, em *Infância*, não pode ser confundida com inclinação à indulgência ou ao sentimentalismo.

Se a incerteza e a nebulosidade são as características que, é possível afirmar, definem o olhar do personagem-narrador em *Infância* (aquele que se identifica ao ponto de vista da criança), pode-se dizer, por outro lado, que a busca por clareza e compreensão da experiência vivida é o elemento que melhor caracteriza o ponto de vista do adulto-narrador (aquele que se identifica com o memorialista). Para ele, narrar é tentar imprimir sentido ao que ficou para trás, mesmo que o passado se apresente em retalhos soltos, apenas “rasgões num tecido negro” (RAMOS, 2003, p. 11). Os percalços de sua formação como indivíduo, a descoberta das suas aptidões, o contato e o confronto com o

Outro, tudo isso só interessa a esse narrador – que se sabe distante no tempo e no espaço dos acontecimentos que relata – como matéria de reflexão. Repetir cenas já vistas, recuperar pessoas apagadas, recompor (ou inventar) diálogos obliterados pelo tempo parece não bastar como atividade fechada sobre si mesma. A simples evocação dá lugar aqui a uma prática distinta: o ato de recordar se une ao de analisar, formando ambos um só gesto, uma ação contínua.

Wander Melo Miranda, em texto sobre as *Memórias do Cárcere*, ressalta a vocação analítico-reflexiva das obras memorialísticas de Graciliano Ramos ao afirmar que nelas “o passado é eleito como um lugar de reflexão – no sentido simultâneo de retratar e reflexionar” (MIRANDA, 2004, p. 161). Apesar de não se referir especificamente ao objeto de estudo principal deste artigo, acredito que as palavras do ensaísta caracterizam bem o tratamento dado ao passado em *Infância*. A atitude do narrador-adulto, instância textual que sempre se mantém a uma distância segura dos eventos relatados (por maior que seja o envolvimento emocional existente), o confirma. Sua postura dentro do texto se pauta, entre outras coisas, pela *desconfiança* em relação à forma e à veracidade daquilo que é lembrado, bem como pelo desejo permanente de *confronto* com as imagens, sentidos e afetos que afloram em meio ao processo da re-escrita/re-invenção do passado.

Não se trata de enxergar em *Infância* uma atitude complacente em relação aos insucessos vividos, e nem se poderia supor tal coisa de um escritor sabidamente crítico como Graciliano Ramos; trata-se, antes, de notar a importância que têm no relato as ponderações do narrador, que vai sutilmente imprimindo nos episódios evocados a dúvida e a surpresa. Ao reconhecer a impossibilidade do julgamento preciso, da avaliação imparcial, este narrador identifica seu olhar ao de um relativista. Por inexistirem condições efetivas para delimitar com precisão o que é bom e o que é mau, o que é justo ou não (seja pela distância dos fatos narrados, seja pela visão de mundo assumida que exclui as verdades definitivas), a postura daquele que narra parece ser a do *tateio*. Em *Infância* encontra-se um narrador o tempo todo surpreendido, descobrindo a cada passo que seus conceitos e juízos são frágeis e precários.

A mãe, o pai, os professores, o vigário João Inácio e até o temido Fernando, assassino local e deflorador de moças pobres, todos personagens da obra, serão protagonistas de atitudes contraditórias, dando margem a inúmeras considerações de ordem ética e moral que o narrador vai inscrevendo no corpo do texto. Talvez o capítulo “Fernando” seja o melhor exemplo disso. O personagem homônimo, descrito como “bicho perigoso” (RAMOS, 2003, p. 225), protegido do chefe político local, “dono de corpos e de almas” (RAMOS, 2003, p. 223), é praticante inveterado de injustiças de toda sorte. Fernando é – segundo o ponto de vista infantil que o narrador assume – comparável aos piores criminosos da história; é “uma das recordações mais desagradáveis que ficaram” (RAMOS, 2003, p. 223). Acontece que, para surpresa daquele que rememora, uma atitude daquela singular criatura desestabiliza todo julgamento anteriormente feito: “um dia minha convicção se abalou profundamente” (RAMOS, 2003, p. 227). Numa tarde qualquer, ao ver pregos afiados soltos no chão, Fernando se preocupa com a segurança das crianças, entortando – num gesto inesperado –, os pedaços de metal que poderiam machucar os meninos que por ali andavam descalços. Tendo assistido a isso, comenta o narrador:

“Então Fernando não era mau? Pensei num milagre. Julguei ter sido injusto. Fernando, o monstro, semelhante a Nero, receava que as crianças ferissem os pés” (RAMOS, 2003, p. 227).

À semelhança desta passagem, trechos que se referem aos pais do menino e ao vigário de Buíque, João Inácio, parecem apontar para a mesma direção. Após apresentar o padre como um mandatário local, grosseiro com os paroquianos e dono de aparência assustadora, assevera o narrador: “Em padre João Inácio, homem de ações admiráveis, só percebíamos a dureza” (RAMOS, 2003, p. 71). A distinção entre a percepção no momento da experiência e sua posterior ressignificação dá o tom dos episódios: o narrador, ao olhá-los de novo através das névoas da memória, confere aos personagens e a suas atitudes um sentido novo. Os episódios em que o narrador revê, respectivamente, sua mãe e seu pai são bons exemplo disso.

Logo de saída, a apresentação da figura materna causa espanto (RAMOS, 2003: 16): “uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a

mexer-se, bossas na cabeça mal protegida (...), boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura.” Conforme a apresentação, as ações dessa personagem também espantam pela aspereza contra o filho. Castigos e surras figuravam na ordem do dia, não importava o motivo ou a idade da criança: “Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas.” (RAMOS, 2003: 33) Porém, em meio a recordação desses maus tratos, o narrador – procurando distanciar-se das emoções e (res)sentimentos do menino – lança outro olhar sobre a mãe, procurando compreendê-la:

“Se não existisse aquele pecado, estou certo de que minha mãe teria sido mais humana. De fato meu pai mostrava comportar-se bem. Mas havia aquela evidência de faltas antigas, uma evidência forte, de cabeleira negra, beijos vermelhos, olhos provocadores. Minha mãe não dispunha dessas vantagens. E com certeza se amofinava, coitada, revendo-se em nós, percebendo cá fora, soltos dela, pedaços de sua carne propícia aos furúnculos. Maltratava-se maltratando-nos. Julgo que aguentamos cascudos por não termos a beleza de Mocinha.” (RAMOS, 2003: 26)

Humanizando-a, o narrador refere-se à Mocinha, filha natural de seu pai e lembrança permanente das aventuras sexuais do passado deste. A evocação dessa personagem, inclusive, moça bonita de “olhos provocadores”, traz ao relato dois elementos de interesse. O mais óbvio deles (o desgosto da mãe com sua própria aparência) permite ao narrador realizar breve e revelador desnudamento psicológico da figura materna. Insegura consigo mesma, sentindo despeito e inveja da enteada – que lhe lembra as outras mulheres do marido –, ela tem sua agressividade com os filhos justificada (ou pelo menos ressignificada) pelos desgostos íntimos que o olhar agudo do narrador foi capaz de detectar, num lance de interpretação cuidadosa.

Ao observar mais atentamente o trecho, porém, é possível perceber que a compreensão do Outro que se ensaia aqui toca em questões mais amplas que a simples reflexão sobre o ressentimento materno em relação à enteada. Graciliano Ramos esboça também, nesse e em outros momentos de *Infância*, o estudo das circunstâncias de um personagem que engloba a crítica de todo um contexto sócio-cultural, num alargamento de perspectiva que Alfredo Bosi chamou de “um cruzamento raro, moderno, de análise psicológica e

interpretação cultural” (BOSI, 202, p. 232). No instante em que discorre sobre os sentimentos da mãe sobre Mocinha, o narrador toca sutilmente no problema do regime patriarcal nordestino (porque não dizer brasileiro), demonstrando como esse sistema de valores e práticas sociais arcaicos influenciava a vida cotidiana de pessoas comuns. À maneira de um historiador das pequenas coisas, o escritor inventaria e descreve os efeitos dos costumes sexuais na conformação das famílias, mostrando a precariedade das relações de convivência forçosa a que se submetiam as várias mulheres e os múltiplos filhos (legítimos e naturais) dos proprietários. Humilhação, dependência econômica, ódio e ressentimento parecem ser alguns dos resultados imediatos e das conseqüências nefastas desse estado de coisas comum no Nordeste há décadas atrás, fato que torna a avaliação de um dado comportamento individual uma questão mais que sensível, conforme bem percebeu Graciliano Ramos. Por mais que o comportamento brutal de D. Maria com os filhos não possa ser explicado só por essa situação (como às vezes parece sugerir o narrador), o caso ganha contornos mais largos, revelando a complexidade dos eventos rememorados e a importância delicada de que se reveste o trabalho ético de reavaliação do passado levado a cabo em *Infância*.

O tratamento dado no livro ao pai do menino, Sebastião Ramos, em muito se parece ao que acabamos de comentar. No retrato desse personagem autoritário e violento, sente-se a mesma tendência à reflexão sobre seus atos a partir do estudo dos elementos por assim dizer externos a sua vontade que poderiam ter contribuído em suas escolhas. Dessa vez, entretanto, ao invés de se deter no escrutínio dos costumes tradicionais do povo interiorano, o memorialista se preocupa em deslindar o funcionamento da máquina emperrada da economia sertaneja, demonstrando que tipo de relações (segundo esse modo de encarar a articulação existente entre formas de subsistência e práticas sociais de um indivíduo) poderia haver entre essa engrenagem mercantil e as ações particulares dos homens. No capítulo “Verão”, em que se apresenta a seca “que (...) alterou a vida” (RAMOS, 2003, p. 27) da criança, a análise do personagem se confunde, o tempo todo, com a observação e estudo das conseqüências da falta de chuvas na região da Fazenda Pintadinho, pertencente à família de Graciliano. A imagem do pai, antes um sujeito

vigoroso e patronal que “era terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso” (RAMOS, 2003, p. 30), vai se tornando desbotada à medida que a seca arruína os seus negócios:

“Sentado junto às armas de fogo e aos instrumentos agrícolas, em desânimo profundo, as mãos inertes, pálido, o homem agreste murmurava uma confissão lamentosa à companheira. As nascentes secavam, o gado se finava no carrapato e na morrinha.”(RAMOS, 2003, p. 31)

Numa aproximação crescente entre os aspectos exteriores (falta d’água, ameaça da pobreza, pressão de parentes) e a constituição interna do personagem, o narrador arma a rede de fatores e motivos com a qual pretende explicar as surras e castigos degradantes que recebia do pai: “O desalento e a tristeza abalaram-me. Explicavam a sisudez, o desgosto habitual, as rugas, as explosões de pragas e de injúrias. *Mas a explicação me apareceu anos depois.*” (RAMOS, 2003, p. 31) [grifo meu]

Essa explicação consiste, basicamente, numa associação de fatores comportamentais e questões sócio-econômicas. Menos feliz em seus resultados que a anteriormente comentada, a tentativa do narrador em compreender o pai esbarra em resquícios de um pensamento determinista que o autor possivelmente absorveu em seu contato com certa tradição marxista próxima da ortodoxia:

“Hoje acho naturais as violências que o cegavam. Se ele estivesse embaixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego. Mas no meio, receando cair, avançando a custo, perseguido pelo verão, arruinado pela epizootia, indeciso, obediente ao chefe político, à justiça e ao fisco, precisava desabafar, soltar a zanga concentrada. Aperreava o devedor e afligia-se temendo calotes. Venerava o credor e, pontual no pagamento, economizava com avareza. Só não economizava pancadas e repreensões.” (RAMOS, 2003, p. 31)

A afirmação de que o personagem teria sido outra pessoa e teria agido de outra maneira se fosse diferente a sua posição de classe parte de uma falsa premissa, e daí decorre sua controversa conclusão. É evidente que qualquer indivíduo, sendo outra sua posição em face às relações sociais de trabalho, seria um ser diferente. Todos – segundo a ontologia marxista – têm seus mais

Íntimos desejos e sentimentos atravessados pela situação de classe em que se encontra e pelos lampejos de consciência-de-si que essa condição projeta. O que acontece é que, apesar de esses elementos exercerem grande influência na vida humana, eles não podem ser tomados como ponto de partida e explicação final para o comportamento concreto de um determinado sujeito. Para cada ação ou escolha é tão grande o número de fatores envolvidos – conscientes e inconscientes, sociais e particulares – que sempre parecem fechadas demais escolhas como a de Graciliano Ramos no trecho citado.

Ao associar as “pancadas e repreensões” (RAMOS, 2003, p. 31) que seu pai desferia à instabilidade da classe média rural, com seus avanços e recuos incertos, e sua subserviência impotente ante a praticamente todas as formas de poder constituídas (“o chefe político, a justiça e o fisco”) [RAMOS, 2003, p. 31], o memorialista procurou compreender as motivações do personagem e assimilar os seus atos de uma maneira diversa da experimentada no momento em que se deram os eventos. Ao buscar aclarar as prováveis determinações externas da atitude do pai, mostrando-o não mais “essencialmente poderoso” (RAMOS, 2003, p. 30), mas “fraco e normal” (RAMOS, 2003, p. 31), ele confronta as mágoas guardadas e as lembranças dolorosas do passado com a capacidade que tem agora, no tempo da enunciação, de refletir sobre algumas das variáveis que compõem o panorama traçado em *Infância*. Apesar de questionáveis, os argumentos de natureza sociológica utilizados no raciocínio exposto confirmam o *ethos* fundamental do texto e de seu narrador.

Essas passagens e posturas, consideradas aqui comuns ao esquema narrativo de *Infância*, guardam proximidade – segundo se quer propor – com aquele desejo de compreender os homens, “senti-los, (...) não arriscar julgamentos precipitados” (RAMOS, 1993, p. 35), expresso pelo narrador das *Memórias do Cárcere*, esta última uma obra muito mais próxima de *Infância* do que pode supor uma leitura superficial.

Partindo dessas premissas e identificando na extensa fortuna crítica de *Infância* a ausência de trabalhos que se dedicaram a observar o debate ético que tem lugar na obra, acredito poder afirmar que predomina no primeiro livro de memórias de Graciliano Ramos sentimento muito diverso daquele frio

pessimismo comumente atribuído a ele. Ao contrário do que se costuma pensar, a compreensão do Outro (assumida como uma espécie de dever moral pelo autor-narrador-personagem) constitui-se como elemento chave de uma visão de mundo mais aberta e positiva – próxima mesmo do humanismo – que se delineia na obra. Verdadeiro exercício autocrítico, a escrita memorialística de *Infância* é, a um só tempo, exemplo da exata junção entre ética e estética promovida pela/ na obra de Graciliano Ramos, como também se revela uma reflexão inovadora e radical sobre o gênero autobiográfico, tantas vezes imerso em práticas narcísicas e pobremente reconfortantes para o sujeito da escrita.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do Cárcere*. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; pgs. 221-237.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi & Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. *A psicopatologia da vida quotidiana*. Trad. Klaus Scheel. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.

MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004. (col. *Folha Explica*)

NAXARA, Márcia & CAPELARI, Regina. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (col. *Os pensadores*)

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Record, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. São Paulo: Record, 1993.